

PSICOLOGIA NOS MUSEUS E MUSEUS NA PSICOLOGIA: SERVIÇO EDUCATIVO DO MUSEU NACIONAL DO AZULEJO

Maria Ana Monteiro, FPUL, mariaanamonteiro@hotmail.com

Lucilina Ribeiro, FPUL, lucilinaribeiro@gmail.com

Sara Bahia, FPUL, sarabahias@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivos refletir sobre o papel da experiência museológica como experiência educativa, promotora do desenvolvimento pessoal a diversos níveis (cognitivo, motivacional, afetivo, social e moral), e do lugar da Psicologia Educacional neste domínio.

Os museus podem ser lugares de aprendizagem, de construção de significados e de aprofundamento da identidade social e cultural de todos os que os visitam. Nas equipas dos seus serviços educativos, que desempenham funções de mediação entre o público e o objeto museológico (Bahia & Trindade, 2010), o psicólogo educacional poderá ser o profissional com a formação adequada para proceder a uma avaliação das necessidades do museu e do público; planear, coordenar e avaliar projetos de intervenção psicopedagógica; e promover a construção de parcerias e a abertura do museu à comunidade envolvente.

De forma a poder-se implementar estes objetivos, procurou-se acompanhar e avaliar três visitas de estudo de diferentes grupos escolares ao Museu Nacional do Azulejo (Lisboa), através da aplicação da grelha de categorias de avaliação da eficácia das atividades organizadas pelos serviços educativos de museus, proposta por Bahia e Janeiro (2008). A aplicação foi feita em contexto de observação direta e naturalista, com o objetivo de identificar as categorias mais e menos presentes nas visitas.

Concluiu-se que todas as categorias propostas por Bahia e Janeiro (2008) se encontravam presentes, com destaque para os aspetos cognitivos, afetivos e motivacionais, que tendem a ser os pontos fortes das visitas; e para os aspetos sociais e morais, que tendem a ser os pontos mais fracos.

Palavras-chave: experiência museológica - relação escola-museu - desenvolvimento pessoal.

Introdução

Os contextos de aprendizagem e de desenvolvimento não se restringem ao espaço de educação formal que é a escola (Hargreaves & Fullan, 1998). De facto, os espaços de educação não formal assumem um grande relevo, sobretudo pelo facto de privilegiarem o saber estar, saber fazer e saber ser, procurando ir ao encontro das necessidades e singularidade de cada pessoa. Entre estes espaços de educação privilegiadamente não formal incluímos os museus, que dão um contributo cada vez mais importante (porque cada vez mais estruturado, trabalhado e refletido por parte dos seus serviços educativos) para a promoção do desenvolvimento pessoal, social e cultural dos seus visitantes e das comunidades em que se

inserem, através da realização de atividades de cariz cultural, científico e artístico. Aliás, a própria Lei-quadro dos museus portugueses (Decreto-Lei 47/2004) define que uma das funções dos museus é a educação.

Segundo Camacho (2007), a noção de “serviço educativo” num museu refere-se a todas as ações dirigidas ao público, ainda que de maneira informal, com objetivos educativos. Compete ao serviço educativo de um museu a função museológica da educação, que se articula com todas as outras funções dos museus (por exemplo, de arquivo e de investigação), e que passa pelo planeamento, realização e avaliação de atividades, bem como pela disponibilidade dos recursos humanos, financeiros e materiais necessários.

O contacto com um museu, mais do que uma mera acumulação de conhecimentos, é um processo de crescimento e desenvolvimento pessoal, de experiência, de reflexão e de interpretação, onde entram diferentes registos sensoriais, percetivos e cognitivos que vão influenciar a perceção, a representação, a sistematização, a produção, a comunicação e a partilha de conhecimentos (Bahia & Trindade, 2010). Não se trata aqui de um desenvolvimento unicamente cognitivo, mas também social, cultural e artístico. Num museu, a construção do conhecimento concretiza-se tanto pelas informações que são transmitidas como pelas condições oferecidas, que permitem o contacto direto com as peças expostas, onde os sentidos (ver, sentir, tocar) e a imaginação proporcionam uma oportunidade de experiência concreta de aprendizagem (Roque, 1990).

Considerando-se, então, o Museu como um espaço dinâmico e interativo que favorece a interação sujeito-objeto e que proporciona a oportunidade de explorar, descobrir, transformar e reorganizar os conhecimentos prévios e adquirir novos conhecimentos, é imprescindível que os serviços educativos dos museus tenham em conta os diversos públicos para os quais cada atividade é concebida e dirigida, para que seja verdadeiramente uma experiência educativa,

capaz de ir o mais possível ao encontro de cada pessoa. Aliás, a eficácia de qualquer atividade cultural sob o ponto de vista pedagógico implica que haja um conhecimento geral prévio acerca do público a que a atividade se dirige, para que se possa definir o tipo de aprendizagem que melhor se adapta às suas características (Roque, 1990).

Por isso mesmo, nos últimos anos os museus têm vindo a esforçar-se cada vez mais no sentido de tornar a dialética público-objetos museológicos uma parte integrante das suas preocupações educativas (Bahia & Trindade, 2010). Mas adotar uma abordagem centrada nas características dos seus visitantes implica que os museus estejam preparados para proporcionar a qualquer visitante uma experiência que conduza a um processo de criação de significados e ao estabelecimento de uma relação pessoal com a obra museológica, independentemente das suas características específicas, através de atividades diversificadas e com recurso a diferentes registos sensoriais e expressivos. Deste modo, o museu torna-se um meio promotor da inclusão social. A atuação será, tanto quanto possível, específica para cada grupo, quer através da elaboração de múltiplas estratégias (que, partindo do mesmo campo expositivo, permitam experiências diversificadas), quer através da adaptação da linguagem, da planificação de atividades complementares e/ ou do estabelecimento de diferentes objetivos, com a maior flexibilidade possível. De facto, estudos mostram que é possível, a partir de uma mesma base, proporcionar-se uma experiência cultural enriquecedora para visitantes com diferentes características e vindos de universos linguísticos e sensoriais diferentes, sugerindo que o primeiro passo na construção de atividades inclusivas deve ser a sua preparação em função da delimitação de objetivos baseados no conhecimento das características dos visitantes e nos conceitos teóricos explicativos dessas mesmas características (Bahia & Trindade, 2010). Estes pressupostos devem, portanto, fazer parte do *design* de programas dos serviços educativos, numa abordagem da experiência museológica centrada nos visitantes, nos objetos

e nos temas, sendo estes últimos os fios condutores da dialética entre os dois primeiros (Bahia & Trindade, 2010).

As atividades dos serviços educativos dos museus, tendo um cariz pedagógico, privilegiam essencialmente três aspetos (ou áreas funcionais): a acessibilidade do museu a todos os públicos (tanto a nível físico como de transmissão de informação) de forma a torná-lo um espaço educativo inclusivo; a adequação (no sentido da promoção da excelência e do conhecimento); e o apoio institucional (defesa da educação como missão central do museu) (American Association of Museums, 2000).

O papel do psicólogo educacional no contexto dos museus

De acordo com as normas da *American School Counselor Association* (ASCA), as funções do psicólogo educacional em contexto escolar prendem-se com o aconselhamento, a orientação, a consultadoria e a coordenação. Estas quatro funções enumeradas podem, de certa forma, ser transportadas para outros contextos, sendo as funções de consultadoria e de coordenação aquelas em que melhor se poderá enquadrar a atividade de um psicólogo educacional em contexto museológico.

A consultadoria, concretamente, refere-se ao planeamento e à realização de estratégias de ajuda com objetivos psicopedagógicos (facilitação e otimização de aprendizagens). A função de coordenação refere-se, por sua vez, ao processo de liderança de equipas e de instituições, com vista à organização, manutenção e avaliação de programas de intervenção psicológica em diferentes contextos educativos. Assim, o psicólogo educacional pode desempenhar um papel essencial na identificação de necessidades, bem como na avaliação e no planeamento das atividades e visitas programadas e levadas a cabo pelos serviços educativos dos museus.

Nesta função de consultadoria, mas também na função de coordenação e na de mediação de aprendizagens, a presença específica de um psicólogo é uma mais-valia para os museus, devido sobretudo ao corpo teórico incluído na sua formação (teorias do desenvolvimento, da aprendizagem e da instrução) e às competências que possui na área da avaliação.

Segundo Bahia e Janeiro (2008), apesar de as atividades dos serviços educativos dos museus pretenderem contribuir para o desenvolvimento pessoal e cultural de todos os seus visitantes, somente a avaliação da eficácia destas atividades poderá assegurar que isso de facto acontece – isto é, que as atividades têm de facto um impacto ao nível dos participantes, dos próprios monitores, dos museus e da comunidade local. A avaliação possibilita também a otimização das práticas atuais e a definição das práticas futuras. Pretende, portanto, opor-se ao “fazer por fazer”, constituindo ela própria o motor para a mudança a nível institucional e individual.

Neste sentido, Bahia e Janeiro (2008) propõem um conjunto de categorias que deverão presidir à construção dos instrumentos (escalas, questionários, entrevistas e/ ou outras práticas de observação e registo) de avaliação da eficácia de programas de enriquecimento cultural científico e artístico (e, entre eles, dos conduzidos pelos serviços educativos dos museus). Segundo as autoras, esta avaliação constitui-se primeiro pela caracterização dos participantes e das atividades em termos da fundamentação teórica dos objetivos educacionais, das estratégias de implementação e da planificação das atividades, bem como da duração e dos recursos. Segue-se a avaliação dos resultados em função do grau em que as atividades permitem alcançar os objetivos gerais e específicos a vários níveis de desenvolvimento pessoal. Ao nível cognitivo podem ser avaliados conhecimentos específicos adquiridos, processos de resolução de problemas, competências de análise crítica, apresentação de soluções inovadoras e criativas e, ainda, competências de comunicação. Ao nível motivacional

é analisado o tempo de participação e o grau de envolvimento na tarefa. A avaliação do impacto ao nível afetivo é realizada em termos da expressão de sentimentos e da sensibilidade estética, bem como de uma apreciação global desta dimensão. Ao nível social são tomadas em consideração as competências sociais e o grau de colaboração e de comunicação e de aceitação da diversidade, enquanto ao nível moral são consideradas as atitudes, os valores e a sensibilidade ética (Bahia & Janeiro, 2008).

Em suma, sendo os museus lugares de aprendizagem, de construção de significados e de aprofundamento da identidade social e cultural dos seus visitantes, é importante contemplar-se a avaliação das suas necessidades bem como proceder-se ao planeamento, coordenação e avaliação de projetos de intervenção psicopedagógica em função do saber da Psicologia Educacional. Por isso, o presente trabalho tem como objetivos refletir sobre o papel da experiência museológica como experiência educativa, promotora do desenvolvimento pessoal a diversos níveis (cognitivo, motivacional, afetivo, social e moral), e do lugar da Psicologia Educacional neste domínio. O local escolhido para a realização desta investigação foi o Museu Nacional do Azulejo, localizado em Lisboa.

O serviço educativo do Museu Nacional do Azulejo (adiante referido como MNAz) é um departamento central no funcionamento de todo museu, uma vez que tem como principal missão fazer a ponte entre o mesmo e o público que o visita. Procura, pois, tornar o MNAz acessível e inclusivo aos níveis físico, logístico e informativo/ formativo. O público aqui referido inclui crianças, adultos, famílias e grupos de terceira idade; pessoas com e sem necessidades especiais; portugueses e estrangeiros.

Método

De forma a verificar-se o impacto que a experiência educativa museológica tem no desenvolvimento pessoal, cognitivo, motivacional, afetivo, social e moral dos visitantes, acompanhou-se e aplicou-se uma grelha de observação durante três visitas de estudo de diferentes grupos ao MNAz.

A população envolvida neste conjunto de estudos era exclusivamente escolar e o instrumento utilizado foi a grelha de avaliação da eficácia das atividades organizadas pelos serviços educativos de museus, proposta por Bahia e Janeiro (2008), que foi aplicada em contexto de observação direta e naturalista com o objetivo de se identificar as categorias mais e menos presentes nas visitas. Por se tratar de observação naturalista procedemos exclusivamente à identificação de pontos fortes e fracos a partir da grelha.

A observação direta é um dos métodos de recolha de informações que se utiliza para registar comportamentos manifestos de forma mais objetiva e rigorosa. Quanto à observação naturalista é um método mais direto de observar um comportamento tal como ele ocorre num tempo e num dado contexto. Estes métodos apresentam muitas vantagens, uma vez que permitem obter informações mais detalhadas e “ao vivo”.

Resultados

Sumariam-se, em seguida, os resultados da análise qualitativa das visitas em termos das categorias propostas pelo instrumento aplicado.

Estudo 1

Os 27 participantes do Estudo 1 frequentavam as turmas do 1º e 2º Anos do Ensino Básico num colégio privado (Lisboa). A atividade durou 90 minutos (em dois blocos de 45

min cada) e iniciou-se pela visita ao museu, com foco e aprofundamento de 2 ou 3 painéis; comparação entre painel “Nossa Senhora da Vida” (cena da natividade) e presépio da Madre de Deus (com figuras a vulto). Seguiu-se uma oficina de pintura de azulejos. Os objetivos eram descobrir o azulejo neste Museu; compreender o que é o azulejo (por contraste com figuras a vulto); analisar de forma mais pormenorizada alguns painéis no âmbito do desenvolvimento estético-formal; e experimentar e contatar com novos materiais e formas de pintura (nomeadamente, com a técnica da faiança).

Ao nível cognitivo a atividade possibilitou uma ligação aos conteúdos escolares (e.g. “Animais como este [elefante] havia na Europa naquela altura? Então havia onde? Como veio cá parar?”); aprendizagem de novo vocabulário, geralmente a partir de explicação, repetição da palavra em coro e sua utilização mais vezes ao longo da visita (como “painel” ou “mufla”); a compreensão da diferença entre os diferentes tipos de representação (ao nível do volume, mobilidade e outras características); desenvolvimento da capacidade simbólica (por exemplo: em frente ao painel “Nossa Senhora da Vida”, a técnica do serviço educativo disse “está aqui uma águia. A águia para nós é o símbolo do quê?”); capacidade de abstração de novas soluções; capacidade de observação e atenção; estimulação da imaginação, da criatividade, do autocontrolo e da procura de novas soluções, em particular na sistematização final e na oficina.

Ao nível motivacional os alunos manifestaram, durante toda a visita, um grande entusiasmo para responder e participar devido à interação estabelecida entre a técnica do serviço educativo e os alunos, através, por exemplo, dos convites constantes à participação e da escolha de vocabulário para cativar (algumas próprias do imaginário infantil, como “especial”, “mágico”, “surpresa”, “segredo”). A passagem de nova informação foi sempre feita a partir de conhecimentos prévios das crianças (sobretudo de conhecimentos

provenientes das experiências do seu dia-a-dia e, em particular, de conhecimentos ligados a experiências com carga afetiva/ emocional, já que isso facilita a memorização e a aprendizagem).

A visita também teve impacto ao nível afetivo através do facto da análise dos painéis remeter para os vários sentidos, alguns deles através da imaginação: cores, cheiros, sons (“anjos a tocar”, “cavalos a andar”, “bebés a chorar”, “gente a gritar”). O desenvolvimento de vocabulário, imaginação e sentido estético também mantiveram a atenção e a participação dos visitantes. Ao nível social, assistiu-se em determinados momentos a uma estimulação da interajuda, da aceitação da diversidade e da diferença como constituindo riquezas, e de um apelo para a importância das regras que contribuem uma boa convivência social.

O nível moral também foi trabalhado, sobretudo a partir das várias histórias que foram sendo contadas e que permitiram às crianças ir vivenciado diferentes modelos de conduta social.

Estudo 2

Participaram nesse estudo 16 alunos de uma turma do 10º ano do curso de Técnicos de Animação Psicossocial de uma escola profissional de Lisboa. A atividade, que durou cerca de 75 minutos, enquadrava-se no âmbito da cadeira de expressão plástica e tinha duas vertentes específicas: a nível do conteúdo (visita à algumas salas da exposição permanente) e a nível do espaço (visita ao antigo convento de Madre Deus). Os objetivos eram complementar as aprendizagens feitas na escola; dar aos alunos uma visão mais abrangente do que se pode fazer em termos de expressão artística e do curso que frequentam; utilizar outro tipo de recursos que não os da escola.

Ao nível cognitivo a atividade permitiu aos visitantes ampliar e aprofundar conhecimentos (através da articulação da informação nova e da experiência museológica com as informações e experiências previamente adquiridas noutros contextos); articular as técnicas e materiais observados com as técnicas e materiais que já tinham utilizado na escola; comparar objetos museológicos com outros do dia-a-dia (por exemplo: “um azulejo é um bocadinho como o bacalhau: vem de fora do país mas, ao ser introduzido em Portugal, ganha características típicas nossas e que o tornam importante na nossa cultura”). Ainda ao nível cognitivo, a visita permitiu a aprendizagem de vocabulário novo a partir de vocábulos conhecidos (por exemplo, aprendizagem da palavra “estanífero” a partir de “estanho”); e a aquisição de novos conhecimentos a partir de um olhar atento e crítico (por exemplo, quando foi feito um exercício de comparação de Lisboa antes e depois do terramoto de 1755 a partir do painel “Vista de Lisboa”). Estas aprendizagens foram sendo feitas de forma sobretudo multissensorial, pelo uso não só da via auditiva mas também visual.

Ao nível motivacional evidenciou-se um grande clima de participação, interesse e envolvimento do grupo, promovido pela interação entre a técnica do serviço educativo e os alunos. Esta interação estabeleceu-se sobretudo na base do diálogo (que passou fortemente pelo aproveitamento e a integração dos comentários dos alunos e das suas experiências pessoais) e da disponibilidade para responder a questões. A constante antecipação dos momentos seguintes da visita, bem como a recuperação e integração das informações que iam sendo passadas (por exemplo, “Olhando para este painel que técnica vos parece que foi usada?”; “Ainda se lembram como eram os azulejos do século XVI? Qual é a diferença para estes, do século XVII?”) também foram importantes ao nível motivacional.

Ao nível afetivo, houve uma estimulação da apreciação/admiração dos painéis expostos, apelando simultaneamente à sensibilidade estética dos visitantes e à análise crítica (a partir da

comparação entre as obras). Este desenvolvimento da sensibilidade estética foi particularmente claro em alguns dos comentários dos alunos: “Aquele está brutal!”; “Este é bué bonito”; “Este chão é lindo”. O nível afetivo foi ainda trabalhado a partir da articulação de experiências pessoais de cada um (com carga afetiva e emocional) com os próprios objetos museológicos (por exemplo, no exercício de observação demorada do painel “Vista de Lisboa”, com identificação de lugares que familiares e importantes para a vida de cada um – como a escola e a zona onde moram).

Ao nível social, a visita proporcionou um momento de interação tanto com a técnica dos serviços educativos dos próprios alunos entre si, num clima simultaneamente descontraído e estimulante, fora do ambiente habitual de sala de aula, marcado pela troca de opiniões e de comentários, bem como pelo confronto e aceitação de diferentes perspetivas.

Estudo 3

Os 27 participantes do Estudo 3 frequentavam o 5º Ano do Ensino Básico de um colégio privado localizado em Lisboa. A atividade durou 120 minutos e teve dois momentos específicos: a oficina de pintura de azulejo segundo a técnica da faiança (50 minutos) e a visita ao Museu segundo o tema “cores e padrões”, pedido pela escola (70 minutos).

O conjunto da participação na visita e na oficina apelou a todos os níveis presentes na grelha de avaliação utilizada: cognitivo, motivacional, afetivo, social e moral. Ao nível cognitivo houve a aprendizagem de vocabulário novo (por exemplo da palavra “padrão” que foi introduzida não só a partir da observação de painéis como também da própria roupa das crianças); a permanente aplicação e recuperação de novos conhecimentos (por exemplo: “com que técnica acham que este painel foi feito?”); o apelo à capacidade de abstração, à imaginação e ainda à sensibilidade estética, tocando já o nível afetivo (por exemplo: “este

painel tem um buraco porque antes de estar aqui estava numa igreja e havia ali uma janela. Agora imaginem como é que o painel ficaria com a luz a vir da janela”. Ainda ao nível cognitivo, houve uma promoção do olhar crítico a partir do confronto de ideias aparentemente incongruentes (por exemplo, confronto entre a ideia do voto de pobreza feito pelas religiosas que tinham habitado o atual espaço do Museu, e a riqueza do espaço) e da interligação de experiências (por exemplo: “comecem a reparar bem nos azulejos que veem nas ruas, no metro... Agora já olham com outros olhos”). Houve também uma estimulação de procura de soluções criativas e o desenvolvimento de processos de resolução de problemas (por exemplo, pelo facto de faltar a cor branca na oficina de pintura de azulejo, as crianças tiveram de criar novas formas de poderem ter zonas do azulejo brancas).

O nível motivacional também foi trabalhado em diversos momentos da visita. Por exemplo, a compreensão teórica das técnicas de pintura de azulejo foi promovida apenas depois dos próprios alunos já terem experimentado uma delas durante a oficina de pintura. Outra forma de manter os alunos motivados, atentos e envolvidos foi colocá-los permanentemente diante de desafios (por exemplo, “em que parte do painel está a cabeça desta ovelha? O que terá acontecido para se separar do corpo?”, “Porque será que este painel tem um buraco ao meio?” Quantos azulejos fazem parte deste painel?”), e promover o diálogo guia-alunos constantemente ao longo da visita. Também o facto de, a pedido da própria escola, a visita ter estado organizada segundo um foco concreto (cores e padrões) também contribuiu para que fosse mais motivante, sobretudo dada a idade dos alunos (em grupos mais novos, a existência de um tema concreto ajuda a envolver os alunos).

O envolvimento das crianças na visita (nível motivacional) e a promoção da sua sensibilidade estética (nível afetivo) foram também conseguidos pela realização de exercícios de observação (por exemplo: “vamos começar só por ver. Ver, ver, ver! E depois falamos.

Quando acharem que podemos começar a conversar sobre o que estamos a ver façam-me um sinal”). O nível afetivo foi ainda trabalhado a partir da promoção da expressão de si próprio e dos seus sentimentos pela pintura dos azulejos (no início da oficina, a professora deu às crianças a seguinte indicação: “como o vosso azulejo não vai fazer parte de um painel podem fazer algo que tenha mais a ver convosco”).

Por fim, a visita tocou também o nível social, através da promoção de competências de comunicação e da aceitação da diversidade (por exemplo, a propósito das religiosas de clausura que viveram no espaço onde se encontra atualmente o Museu, promoveu-se uma pequena discussão/ reflexão sobre a diversidade de opções de vida). Ao nível mais sociomoral e afetivo, a visita promoveu ainda oportunidades de treinar a resiliência e a resistência à frustração (nomeadamente na oficina de pintura, onde se ouviram comentários como “ah, fiz asneira! Bem, agora vou carregar mais, paciência...”).

Discussão

A análise detalhada das três visitas permite verificar que estas tiveram impacto nas várias dimensões do desenvolvimento consideradas por Bahia e Janeiro (2008), com destaque para os aspetos cognitivos, afetivos e motivacionais, que consideramos terem sido sistematicamente os seus pontos fortes. Os pontos menos fortes foram os relativos à dimensão social e moral, consideradas pela investigação desenvolvimentista e educacional como dois aspetos de mudança a longo prazo. O tipo de procedimento de avaliação utilizado, em contexto de observação direta e naturalista, permitiu-nos portanto verificar a presença/ ausência das categorias de desenvolvimento consideradas, bem como identificar aquelas que constituem pontos fortes e fracos das visitas acompanhadas. Para um maior aprofundamento destes pontos (tanto dos fortes, para os otimizar; como dos fracos, para os corrigir e

melhorar), em estudos futuros poder-se-á recorrer à utilização de outros instrumentos de avaliação (por exemplo, de questionários ou escalas de Likert, que permitem obter informações dos próprios visitantes e, assim, avaliar mais aprofundadamente o impacto que cada atividade teve neles).

Embora a avaliação dos programas desenvolvidos pelos serviços educativos seja cada vez mais reconhecida como crucial para que os museus possam cumprir a sua missão educativa e proporcionar aos visitantes e às comunidades experiências de aprendizagem e desenvolvimento enriquecedoras e duradouras, o facto é que essa avaliação continua a ser um desafio. Um desafio que apela à constituição de equipas cada vez mais (bem) formadas e preferencialmente interdisciplinares, e onde a presença de um psicólogo educacional constituirá uma mais-valia incontornável. De facto, o saber da Psicologia Educacional toca áreas tão importantes para este contexto como são o planeamento estratégico (que tem em conta o público, os temas, os objetivos e os recursos); a avaliação de necessidades e de programas implementados; a coordenação de equipas e de projetos (particularmente importante, neste contexto, no desenvolvimento e articulação de parcerias); a consultadoria; o planeamento e implementação de programas de cariz psicopedagógico; e a mediação (no sentido da criação e otimização de oportunidades de aprendizagem que permitam a cada visitante sentir-se motivado e confortável no processo de criação dos seus próprios significados (Silverman, 1995). Estas funções assumidas pelo psicólogo educacional serão sempre facilitadas (e potenciadas) se este tiver a oportunidade de integrar uma equipa interdisciplinar empenhada em continuamente melhorar a qualidade e a diversidade das suas ofertas, bem como a abertura do museu à comunidade.

Concretamente ao nível do caso em estudo (serviço educativo do MNAz), o papel do psicólogo educacional seria relevante não só ao nível da avaliação mas também ao nível da

conceção de projetos e de programas que permitam o envolvimento ativo, a construção de conhecimentos e o desenvolvimento pessoal de todos os públicos que contatam com o museu (seja presencialmente, seja pela deslocação de peças e profissionais do MNAz a instituições, juntas de freguesia, escolas, hospitais, clínicas, lares).

Referências

- American Association of Museums (2000). *Code of Ethics for Museums*. Acedido em 20 de Fevereiro de 2008 em <http://www.aam-us.org/museumresources/ethics/coe.cfm>.
- American School Counselor Association (ASCA) (2009). The role of the professional school counselor. Acedido em 25 de Maio de 2012 em <http://ascatemp.membershipsoftware.org/files/RoleStatement.pdf>.
- Bahia, S., & Janeiro, I. (2008). Avaliação da eficácia das intervenções educacionais em museus: uma proposta teórica. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1 (3), 35-42.
- Bahia, S., & Trindade, J.P. (2010). Espelho teu: A reflexão do ser na obra museológica. In *Actas do Fórum Ibérico de Museologia da Educação* (CD Rom). Viana do Castelo: IPVC.
- Camacho, C. F. (2007). Serviços educativos na rede portuguesa de museus: panorâmica e perspectivas. In Barriga & Gomes da Silva (2007), *Serviços educativos na cultura* (pp. 26-40). Porto: Setepés.
- Decreto-Lei nº 47/2004 (DR, nº 195, I Série A, de 19-08-2004).
- Hargreaves, A. & Fullan, M. (1998). *What's worth fighting for in education?* Buckingham: Open University Press.
- Moura, B. M. S. (2006). Avaliação como instrumento de aprendizagem. In E.A. Ribeiro (org), *Múltiplos olhares em avaliação educacional: desafios contemporâneos* (pp. 42-53). Instituto Superior de Educação: Araxá.
- Silverman, L. H. (1995). Visitor meaning-making in museums for a new age. *Curator*, 38(3), 161-170.